

Museu Vassouras recebe instalação vinculada à 36ª Bienal de São Paulo e exposição imersiva sobre o Vale do Paraíba



Sertões: diálogos da 36ª Bienal de São Paulo

Foto: Reprodução / Divulgação

Projeto reúne, pela primeira vez no Museu, integrantes dos quilombos Kalunga (GO) e São José da Serra (RJ) – e marca a abertura da exposição "Vozes do Vale", resultado de pesquisa sobre memórias e saberes do Vale do Paraíba

O Museu Vassouras inaugura duas exposições que ampliam seu diálogo com a arte contemporânea e os patrimônios culturais do Vale do Paraíba. Em parceria com a Fundação Bienal de São Paulo e o Instituto Sertão Negro, o museu apresenta a instalação *"Sertões:*

diálogos da 36ª Bienal de São Paulo" e abre ao público *"Vozes do Vale"*, exposição construída a partir de uma pesquisa documental realizada com moradores da região. As duas mostras permanecem em cartaz até 4 de março de 2027, com entrada gratuita.

SERTÕES: DIÁLOGOS DA 36ª BIENAL DE SÃO PAULO

A instalação *"Sertões: diálogos da 36ª Bienal de São Paulo"* propõe uma expansão do projeto desenvolvido pelo Instituto Sertão Negro para a 36ª Bienal de São Paulo. Concebida como uma dimensão coletiva do tradicional *"caderno de artista"*, a obra reúne produções de artistas, moradores, residentes e colaboradores do ateliê, em diálogo com registros e objetos da comunidade quilombola Kalunga (GO), maior território quilombola em extensão do país.

Fundado em 2021 pelo artista Dalton Paula, o Instituto Sertão Negro amplia as noções do que é ser um ateliê ou ser uma escola. Arte, educação, meio ambiente e comunidade se articulam em um espaço que tem, como missão central, a promoção da dignidade e do bem-viver em comunidade.

A montagem da instalação no Museu Vassouras teve, como um de seus momentos centrais, a construção de uma parede de taipa de mão – técnica tradicional de bioconstrução em barro. A ação reuniu integrantes do Quilombo Kalunga (GO) e do Quilombo São José da Serra, em Valença (RJ), que construíram a estrutura de forma colaborativa, aproximando saberes ancestrais de duas comunidades quilombolas de diferentes regiões do Brasil. Outra atração muito esperada e presente na



Lucilene Kalunga, *Terra, Território e Quilombo*, 2025
Foto: Divulgação

mostra é o vídeo *"Óta Layó"*, de Dalton de Paula. Comissionado pelo Instituto Inhotim, o vídeo poderá ser visto, pela primeira vez, fora do Instituto Sertão Negro.

A instalação também reúne imagens produzidas nas décadas de 1980 e 1990, assim como áudios com depoimentos de lideranças e guardiães da memória Kalunga – entre os quais Deuselina Maia, Sirilo dos Santos Rosa e Procópio dos Santos Rosa, articulando memória, território, ancestralidade e práticas coletivas.

"Receber, simultaneamente, Sertões: diálogos da 36ª Bienal de São Paulo e Vozes do Vale representa um momento muito importante para o Museu Vassouras. As

duas exposições partem dos territórios e dos saberes construídos coletivamente. A instalação desenvolvida pelo Instituto Sertão Negro, em diálogo com lideranças e mestres da cultura do Quilombo Kalunga, ganha um novo significado ao reunir, em Vassouras, integrantes

de lá e do Quilombo São José da Serra, na construção conjunta da obra. É um marco na valorização dos conhecimentos e tecnologias tradicionais”, afirma Catarina Duncan, diretora artística do museu.

VOZES DO VALE



Fotos: Lourenço Parente

A exposição nasce da escuta de detalhes e das vozes que fazem um território, mas que raramente integram sua narrativa oficial – partindo da convicção de que não há uma história única, mas camadas de tempo atravessadas por múltiplas perspectivas.

Vozes do Vale é uma exposição imersiva que apresenta retratos e relatos de moradores de diferentes cidades

da região do Vale do Café, no Sul Fluminense. A partir de encontros desenvolvidos por Catarina Duncan e Lourenço Parente, entre 2020 e 2021, a mostra revela múltiplas perspectivas sobre as transformações culturais e históricas da região.

Em colaboração com 36 moradores de 12 municípios do Vale do Paraíba Sul Fluminense – agricultores, ben-

zedeiras, artistas, pesquisadores e mestres da cultura – foi possível registrar e compartilhar suas experiências e saberes. o que deu origem a um rico acervo de imagens, registros sonoros e narrativas.

A exposição organiza esse material em três núcleos: *Terra, Movimento e Identidades*, que abordam práticas agrícolas, manifestações culturais, memórias, religiosidades e formas de transmissão de conhecimentos na região. O percurso inclui também uma sala imersiva, inspirada na paisagem entre a Serra do Mar e a Serra da Mantiqueira, com ambientação sonora composta por sons de rios, trens e da Mata Atlântica.

ARTISTAS CONVIDADOS

Em diálogo com esse arquivo de narrativas, as obras de Luiz Zerbini, Minerva Cuevas e Rose Afefé ampliam as relações entre paisagem, ecologia, memória e território, ao reconhecer que toda paisagem é, também, uma construção política e afetiva.

LUIZ ZERBINI

O artista coloca a abstração geométrica em diálogo com questões ecológicas e políticas do Sul Global. Suas pinturas combinam a proliferação de densas redes vegetais com estruturas modulares rigorosas, criando uma tensão entre crescimento orgânico e ordem – além de revisar criticamente o modernismo brasileiro. Com relevante trajetória internacional, expôs em instituições como MASP e Instituto Tomie Ohtake, além de integrar coleções de instituições nacionais e internacionais, como *Fondation Cartier*, Instituto Inhotim e Pinacoteca de São Paulo.



Luiz Zerbini, *Paisagem inútil*

Foto: Pat Kilgore

MINERVA CUEVAS

A artista explora temas relacionados à ecologia, às relações econômicas e sociais e ao uso global de recursos naturais, para criar obras que variam de projetos de intervenção a peças monumentais. Com base em linguagens visuais familiares – como logotipos corporativos e publicidade –, seu trabalho frequentemente nos conecta ao imaginário coletivo contemporâneo e às estruturas corporativas da economia global.

ROSE AFEFÉ

A partir do resgate de memórias da infância, a artista trabalha em várias mídias, inclusive instalação, pintura e fotografia. Sua prática investiga os espaços e a interação com a natureza. Seu principal projeto é *Terra Afefé* – uma microcidade em escala humana erguida com adobe, na Chapada Diamantina (BA), que funciona

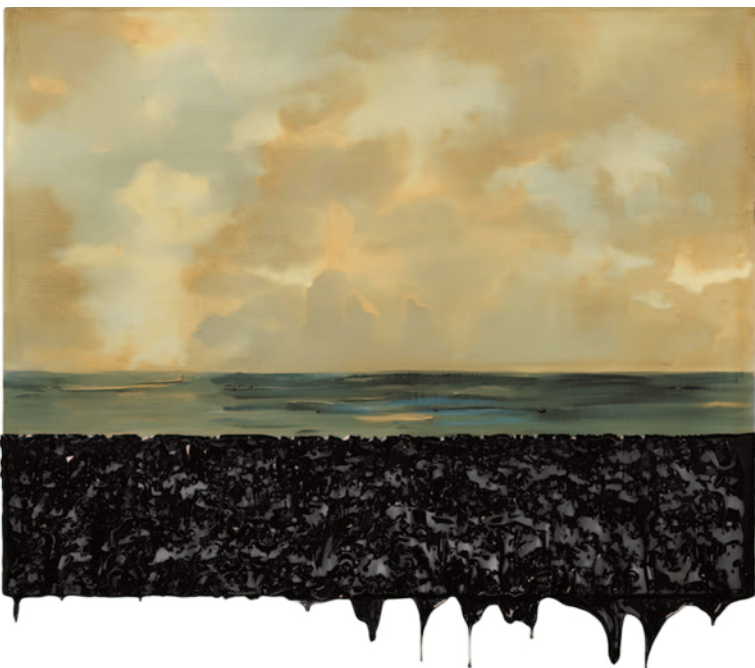
como espaço de encontro para potencializar saberes locais. Vencedora do Prêmio FOCO ArtRio 2023, a artista participou da 61ª Bienal de Veneza e do 39º Panorama da Arte Brasileira (MAM-SP), além de mostras no MASP e na Fundação Agnès b. (França).

ARTISTA HISTÓRICO — ALBERTO GUIGNARD

Guignard desenvolveu uma pintura marcada pela atenção à paisagem, à arquitetura e ao cotidiano. O artista pintou extensamente as portas, as janelas e os painéis de madeira em diversas cidades de Minas Gerais. Entre 1932 e 1936, e posteriormente na década de 1940, durante temporadas em Itatiaia, no Sul Fluminense, pintou a Pensão Donatti, antigo Hotel Repouso, como forma de pagamento pela hospedagem. Nessas obras, elementos funcionais da arquitetura tornam-se superfícies pictóricas, que aproximam arte e vida cotidiana.

Minerva Cuevas, *Outremer*

Foto: Divulgação



ARTISTA HISTÓRICO — FRANS POST

Foi um dos primeiros artistas europeus a representar sistematicamente a paisagem brasileira, durante sua permanência no Nordeste entre 1637 e 1644, a convite de Maurício de Nassau, então governador do Brasil Holandês, pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Em *O rio atravessando a planície* (1658) e *Paisagem brasileira (Siará)* (1650–1665), rios, vegetação, céu e horizonte organizam imagens que articulam observação e a construção idealizada de um território. Suas paisagens foram produzidas no contexto da eco-

Rose Afefé, *Água fresca*

Foto: Cortesia Rose Afefé e A Gentil Carioca





Alberto Guignard, *Porta de armário I (detalhe)*, 1936
Foto: Domínio público



Frans Post, *O rio atravessando a planície (detalhe)*, 1658
Foto: Domínio público

nomia açucareira colonial. A aparente harmonia entre natureza, trabalho e vida cotidiana funcionou, historicamente, como uma forma de apagamento da violência do período da escravidão.

As duas exposições estabelecem um diálogo entre arte contemporânea, patrimônio imaterial e memória, aproximando experiências desenvolvidas no Vale do Paraíba e em outros territórios brasileiros.

As mostras têm patrocínio da Lei Rouanet, do Laranjinha Itaú, do BTG, da Vibra e da XP Investimentos; e a parceria institucional da Fundação Bienal de São Paulo, do Instituto Inhotim e do Instituto Sertão Negro. A realização é do Museu Vassouras e do Ministério da Cultura.

SERVIÇO

Sertões: diálogos da 36ª Bienal de São Paulo e Vozes do Vale

Até 4 de março de 2027

Museu Vassouras

Rua Luís Pereira Werneck, 64, Praça Barão de Campo Belo, Centro, Vassouras / RJ

Dias/Horários: quinta a domingo, das 10h às 18h; visitas mediadas, às 11h e 16h

Entrada: gratuita | Classificação: Livre

